



## VIVENCIANDO O SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO BERÇÁRIO: EXPLORAÇÕES SENSORIAIS

Liberato, A.C V.<sup>1</sup>  
Pottmaier, E.<sup>2</sup>  
Jenichen, M.N.<sup>3</sup>

**RESUMO:** Pretende-se neste artigo relatar o cotidiano da prática pedagógica em um Centro de Educação Infantil, na turma berçário I que compreendem crianças de cinco meses a um ano de idade. O estágio foi composto em três etapas e iniciou-se a primeira semana com observação não só da prática como também da rotina da turma, podendo assim conhecer os bebês e se familiarizar com os mesmos. Na segunda etapa, após estudos e pesquisas sobre o tema experiências sensoriais foi elaborado um planejamento amplo que possibilitou experiências incríveis e emoções únicas de ambas as partes envolvidas. Por último a ação pedagógica que possibilitou a produção de materiais de apoio para melhor autonomia dos bebês na sala. O estágio proporciona ao acadêmico ser um agente ativo, colocando-o em uma situação real de trabalho e dando-lhe a chance de aprofundar seu conhecimento enquanto vivencia na prática, sua futura profissão.

**PALAVRAS-CHAVES:** Estágio de Intervenção. Berçário. Experiências sensoriais.

**ABSTRACT:** This article intends to report the daily pedagogy practice in a childhood Education Center, in the nursery class I with children from Five months to one year of age.

The stage was composed in three stages, the first week was used and began the first week with observation not only of the practice but also of the routine of the class, thus being able to know the babies and become familiar with them. In the second stage, after studies and research on the topic about sensory experiences, a comprehensive planning was prepared that enabled incredible experiences and unique emotions for both parties involved. Finally,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia na UNIVALI. Secretaria no C.E.I. Regiane dias Ramos.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia na UNIVALI. Agente em Atividade de Educação na Secretaria municipal de Itajaí e bolsista no programa PIBID.

<sup>3</sup> Professora de Prática Docente: Projetos Integrados e Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica. Graduada em Pedagogia pela Associação Catarinense de Ensino (1989), Especialista em Psicopedagogia pela mesma instituição e, mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2003).



the last pedagogical action was developed an enabled a production of support materials for better autonomy of the babies in the room.

The professional internship allows to the academic be an active agent, placing him in a real working situation and giving him the chance to deepen his knowledge while experiencing his future profession.

**KEYWORDS:** Stage, mediation, nursery, sensorial experience

## 1. Introdução

O estágio de licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96) e o cumprimento de sua respectiva carga horária é requisito exigido para conclusão do curso Pedagogia EaD da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

O presente artigo foi elaborado a partir das atividades desenvolvidas no Estagio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica, de caráter obrigatório da matriz curricular a partir do 5º período do curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Itajaí e sob orientação da professora Mara Nair Jenichen. O Estagio Supervisionado é uma das partes essenciais na formação do educando, pois, é nele que colocaremos em prática todo o conhecimento adquirido ao longo dos semestres.

Com a proposta “Ser Professor na Educação Infantil”, o estágio teve como objetivo ampliar a aprendizagem e experiência, visando o aprimoramento do desenvolvimento profissional, além de possibilitar o confronto entre o conhecimento teórico e a prática adotada.

Considera-se que o estágio é fundamental na formação docente, dando oportunidade ao acadêmico de aplicar na prática todo aprendizado, teoria, esforço e dedicação vivenciado e adquirido na Universidade. O estágio proporciona ao acadêmico ser um agente ativo, colocando-o em uma situação real de trabalho e dando-lhe a chance de aprofundar seu conhecimento enquanto vivencia na prática, sua futura profissão.

A intervenção foi composta de duas etapas, sendo que na primeira participaram dezesseis bebês, com idades entre cinco meses a um ano, que fazem parte da turma do berçário I, sob a regência da professora Larissa



Liberati, e que integra há três anos o quadro de professores da Rede Municipal de Ensino de Itajaí.

Já na segunda etapa, as ações foram planejadas para atender as necessidades de material de apoio, sendo pernas de calças e rolos de espuma utilizados para que os bebês que ainda não sentam sem apoio possam utilizar para proporcionarmos a autonomia dos mesmos, e almofadas que compõem o espaço da “bebeteca”, ou seja o espaço preparado para as contações de histórias.

Essa etapa foi norteadada por um projeto intitulado Autonomia e Estética, com o objetivo oportunizar as crianças momentos de ouvir histórias de formas deferentes, dramatizações, narrações, teatro de fantoches, etc., pois construímos junto com as demais acadêmicas um cantinho da leitura móvel que ficará para a sala, este cantinho foi elaborado com tecidos almofadas que ficarão disponíveis para todas as crianças.

A pesquisa, que ocorreu no Centro de Educação Infantil Professora Gisele Kawikioni, teve a duração total de cinquenta horas e abrangeu os meses de abril e maio de dois mil e dezessete. Para compor o relatório, utilizamos de protocolos de observações, registros escritos e fotográficos, além de referencial bibliográfico.

Nos capítulos a seguir, apresentaremos a estrutura da instituição concedente de estágio, além de descrever de uma forma reflexiva os aspectos da docência na Educação Infantil.

## **2. Observação da sala de intervenção**

Amparados por protocolo com base nos Indicadores de Qualidade do MEC, voltados para a Educação Infantil, iniciamos a nossa observação de 12h00minh na sala de intervenção do Estágio Supervisionado, na sala do berçário I, denominado grupo Urso, do C.E.I. Professora Gisele Kawikioni.

Como sabemos, a observação minuciosa nos revela aspectos importantes do perfil da sala referente ao comportamento, ao planejamento, a



maneira como a professora lida e organiza as suas pedagógicos. Conhecer a realidade é fundamental para a prática pedagógica.

[...] observação como um procedimento de pesquisa, uma ação sistematizada e intencional. Entendemos a observação como uma ação que nos leva a refletir sobre a forma pela qual algo acontece e nos atinge, a um grupo e a um contexto social e cultural. A observação antecipa, ou faz parte do processo de construção de um conhecimento. [...]. (CARVALHO; SOUSA; BONFANTI, 2011, p. 88).

Após a apresentação das acadêmicas, já começamos a observar e registrar, o grupo é composto de dezesseis bebês de cinco meses a um ano de idade.

Na sala há dois berços, que são utilizados para o repouso dos bebês conforme sua necessidade.

A sala não é muito grande, mas é bem organizada, o pouco espaço é otimizado pela professora, de forma que o centro da sala com tapetes térmicos fique livre para a circulação dos bebês.

[...] o espaço é rico em significados, podendo ser “lido” em suas representações, mostrando a cultura em que está inserido [...]. Por meio da leitura “das paredes e das organizações dos espaços” das salas de aula de instituições de educação infantil, é possível depreender que concepção de criança e de educação o educador tem. (HORN, 2004, p. 37).

A professora faz um planejamento semanal e ela registra tudo que ocorre durante o dia em seu caderno.

Referente à prática docente, observou-se que a professora gosta do que faz, a educadora estuda constantemente, pois atualizada nos explicou um pouco sobre o mais novo documento que são as Diretrizes Municipais.

A rotina no período vespertino inicia com a arrumação e troca de fraldas das crianças após o repouso e preparação dos mesmos para o lanche. Após este momento a professora senta-se no chão junto com os bebês para realizar as atividades, que na sua maioria são de estimulação através de brincadeiras.

Nessa sala não há nenhuma criança com necessidades especiais.



Os bebês do grupo Urso não têm muito contato com outros grupos, pois a sala fica no segundo piso, o que dificulta, segundo a professora, que eles sejam retirados da sala. O que faz que permaneçam o tempo todo no mesmo ambiente. No entanto, uma vez por semana, devido a limpeza da sala, a professora vai com eles para sala ao lado que é da turma do Berçário II.

O documento: Diretrizes Curriculares Nacionais (2009) sinaliza que se deve possibilitar tanto a convivência entre crianças e adultos quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes linguagens. Portanto, pode-se afirmar que as interações e brincadeiras permeiam os tempos da rotina, promovem saberes e experiências nos espaços, tempos e nas relações que estabelecem.

Há uma parceria muito grande entre pais e professora, isso ocorre tanto na entrada das crianças da tarde quanto no momento da saída. Há sempre uma conversa sobre algo ocorrido durante o dia com os pais, assim como há uma escuta dos anseios da família e também a professora sempre pede aos pais que entrem na sala para pegar seus filho e seus pertences.

Vale ressaltar que durante todo o momento de observação, foi possível participarmos de todos os momentos com as crianças, alimentação, troca de fraldas, atividades e repouso.

O cotidiano dessas unidades, enquanto contextos de vivência, aprendizagem e desenvolvimento, requer a organização de diversos aspectos: os tempos de realização das atividades (ocasião, frequência, duração), os espaços em que essas atividades transcorrem (o que inclui a estruturação dos espaços internos, externos, de modo a favorecer as interações infantis na exploração que fazem do mundo), os materiais disponíveis e, em especial, as maneiras do professor exercer seu papel (organizando o ambiente, ouvindo as crianças, respondendo-lhes de determinada maneira, oferecendo-lhes materiais, sugestões, apoio emocional, ou promovendo condições para a ocorrência de valiosas interações e brincadeiras criadas pelas crianças, etc.). (OLIVEIRA, 2010, p. 5).

Enfim, as observações durante os três dias contribuíram para a elaboração de um planejamento sistematizado do plano de ação e intervenção, onde buscamos compor um projeto que possa contribuir com o ambiente



escolar e o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças envolvidas, ampliando seus conhecimentos e habilidades.

Ao final desta etapa, a professora regente deixou que nós escolhêssemos o tema e que iniciaria a trabalhar com eles os cinco sentidos.

Sendo assim, pautamos nosso planejamento em cima das observações, pudemos constatar que os bebês precisam tocar tudo e sentir tudo então nosso planejamento foi relacionado à exploração sensorial, concomitante com os sentidos, tato, olfato, audição, visão e paladar.

## 1.1 Espaço da Ação Pedagógica

Percebemos a dificuldade que alguns bebês que ainda não sentavam sem apoio tinham para em participar das atividades e se apropriarem de sua autonomia com a falta de materiais de apoio e encosto que propiciassem melhor desenvolvimentos dos bebês, alguns materiais como duas pernas de calça com enchimento, uma estava com sua capa rasgada e outra sem capa, prejudicando assim seu uso nos momentos necessários na rotina.

A sala possui várias almofadas que são utilizadas nos momentos de contação de história, as mesmas apresentavam-se sem capas e outras com as capas manchadas, com o aspecto de velho e sem vida.

Portanto a pedido das professoras restauramos esses materiais que serão utilizados no espaço de aprendizagem, a sala de aula.

## 3. Descrição e análise das atividades desenvolvidas

### 2.1 Intervenção em sala: a prática pedagógica

Um dos objetivos do estágio é complementar a formação acadêmica, para que o estudante possa unir a teoria com a prática. A importância desse momento de prática em conjunto com uma reflexão crítica propicia ao acadêmico um conhecimento enriquecedor da futura profissão. Efetivamos o planejamento elaborado de acordo com a observação realizada anteriormente.



Essa observação ajudou a equipe a refletir criticamente sobre as diversas ações, possibilitando entender o processo a rotina da sala, conhecer o ambiente, as crianças e conseqüentemente pensar em ações propícias ao desenvolvimento dos indivíduos, onde eles pudessem participar de atividades coletivas, desenvolver a coordenação motora, autonomia entre outras habilidades.

Convivendo com bebês percebemos o quanto é importante para eles sentir, experimentar e explorar o novo.

No primeiro dia de intervenção com doze bebês presentes e interagindo com os mesmos nos reunimos no tapete e formamos uma roda de conversa utilizando como recursos a música “Boa tarde amiguinho”, acreditamos que se familiarizaram conosco por termos tido contato em outro momento.

Logo após esta atividade iniciamos a preparação da sala e dos bebês para o lanche, que consta em colocá-los nos bebês conforto lado a lado para assim otimizar o espaço e tempo necessário nesta ação, seguindo a rotina da turma para este momento selecionamos uma música e percebemos que eles ficaram felizes quando cantamos a música “Meu Lanchinho”.

A música tem como propósito favorecer e colaborar no desenvolvimento dos bebês, sem privilegiar apenas alguns, entendendo esta, não como uma atividade mecânica e pouco produtiva que se satisfaz com o recitar de algumas cantigas e em momentos específicos da rotina escolar, mas envolve uma atividade planejada e contextualizada, como prevê o RCNEI, além de explorar as múltiplas possibilidades que a música tem em seu ensino, como explica Loureiro (2003, p.141):

Atenção especial deveria ser dispensada ao ensino de música no nível da educação básica, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental, pois é nessa etapa que o indivíduo estabelece e pode ser assegurada sua relação com o conhecimento, operando-o no nível cognitivo, de sensibilidade e de formação da personalidade.

Após o lanche apresentamos as crianças livros de diversos materiais, Gozzi (2010) nos recorda que os bebês leem o mundo sensorialmente, assim, faz-se necessário, nos berçários, organizar um acervo de livros com materiais



resistentes para suportar os toques, as babas, as brincadeiras e principalmente as disputas que ocorrem no dia a dia. Este cuidado segundo a autora evitará que a professora fique chamando a atenção constantemente das crianças, ou mesmo deixa-las sem o material, o que seria desastroso.

Em seguida narramos a história mudando o tom de voz e interpretando o carneirinho personagem principal do livro: Dinho, o carneirinho de Gordon Volke

Percebemos a interação e a curiosidade dos bebês, em especial da Flávia e da Yasmin que prestaram muita atenção na contação. Estavam interessados e interagiram conosco a todo o momento. Manusearam, exploraram e brincaram com os diversos livros que levamos, o que proporcionou a oportunidade de desenvolvimento do tato e das percepções sensoriais. As diferentes texturas que lhes foram oferecidos nesta experiência. Percebemos que o grupo estava bem envolvido na nova experiência, alguns colocaram o livro na boca, outros tentaram folhear, também observamos que alguns bebês conseguiram nos imitar, apontando para o livro e balbuciando, a devolutiva das crianças foi muito clara, pois ao tentar expressar-se oralmente o bebê deu significado ao que explorou.

Vivenciamos uma experiência rica e prazerosa. Perceber o entusiasmo e a curiosidade dos bebês aos explorarem os objetos a eles oferecido, pois, sendo o nosso primeiro dia de estágio de intervenção, e de iniciamos com muitas expectativas e dúvidas em relação as atividades planejadas e o desempenho e interesse das crianças.

Assim prosseguimos a tarde explorando os livros, o que nos levou a nossa reflexão em que reconhecemos, com esta atividade, que a familiarização e o contato com livros, o ato da leitura se torna mais agradável e atrativa quando proporcionamos momentos de autonomia, de exploração e descobertas.

Proporcionar este contato com os livros e a leitura permite e incentiva o gosto e interesse pela leitura desde a primeira infância.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil volume três, a leitura de histórias é um momento em que a criança pode



conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu.

Num terceiro momento desta tarde agradável novamente cantamos e ouvimos músicas variadas, ofertamos sons diferentes como barulho de chuva, do mar, sons dos animais e por fim cantamos a música “Minha Janta”.

Como já havíamos feito na hora do lanche, novamente organizamos a sala e os bebês para a hora da alimentação.

Começamos a servir o jantar conversando com os bebês sobre qual alimento está sendo servido, se está quente ou frio. Incentivando para que eles experimentassem novos sabores e novas formas de alimentar-se, como; fazendo uso do copo, colher e canudinho. A colher, como primeiro talher que o bebê aprende a manusear, necessita ser orientado. E assim o fizemos, quando necessário, auxiliando os bebês de levarem até a boca a colher. Ao mesmo tempo, utilizando uma linguagem própria para a idade, conversando com eles.

Nesse momento em especial, estávamos apreensivas em relação à aceitação dos bebês em se alimentarem com pessoas diferentes a que eles estão familiarizados na unidade de ensino, mas para nossa surpresa todos se alimentaram bem e se mostraram contentes com as interações e incentivos feitos durante esta importante refeição, tendo em vista que a janta é a última refeição do dia do bebê e que alguns permanecem no CEI até às dezenove horas.

Para finalizar este primeiro dia, auxiliamos no banho de alguns bebês, já que o banho é dado em qualquer momento da rotina que seja necessário, alguns tomam no período da manhã.

Arrumamos todos os bebês com troca de roupas e penteados para o momento do relaxamento. Para deixar o ambiente mais calmo e aproveitando que estávamos encerrando o nosso estágio desse dia, preparamos o ambiente com uma música instrumental muito calma. Reconhecemos que a utilização da música deve fazer parte do planejamento, ela deve ser uma prática diária na rotina dos bebês.



Para Bonfanti, no momento em que o banho é incluído na rotina, precisa haver planejamento. Ele precisa ser preparado e realizado como algo que promove o bem - estar, pois é um momento em que a criança experimenta sensações, entra em contato com a água e com objetos, interage com o adulto e com outras crianças. (2011, pg. 79).

Acreditamos que o banho é um momento especial de atenção individual da criança, diferente de outros momentos de convívio coletivo, o professor tem a oportunidade de oferecer atendimento exclusivo para a criança e revelar pelos cuidados do banho o quanto ela é amada.

Para Guimarães é nessa perspectiva que entenderemos que o encontro do adulto com o bebê não é somente um momento de cuidado “instrumental” (banho, troca de fraldas), mas um momento de “encontro da criança com o adulto, num sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada” (2011), p.48).

Além de ser um procedimento de higiene corporal, o banho proporciona o conhecimento do corpo pela criança, sempre de forma lúdica e prazerosa, através do contato afetivo, das brincadeiras com a água, da música e da conversa íntima. Neste momento, a calma é fundamental.

Encerramos mais um dia com o momento relaxamento e repouso dos bebês enquanto aguardam seu retorno para casa.

Bonfanti nos diz que o dormir e o acordar na creche constituem um processo que envolve uma série de rituais importantes para as crianças pequenas. Este é um momento de muitas trocas afetivas e de maior intimidade, em que muitos diálogos podem acontecer entre educadores e crianças. É preciso respeitar o ritmo e a individualidade da criança para que ela vá dormindo e acordando à sua maneira. (2011, pg.79).

No outro dia, dando sequência ao nosso planejamento, nosso segundo dia de intervenção, iniciamos organizado o espaço para receber os Bebês. Fizemos a recepção deles dando boas-vindas cantando a música “Boa tarde amiguinho”. Logo em seguida, como faz parte da rotina do berçário, algo relevante na primeira infância para que os bebês se adaptem ao sistema de um



Centro de Educação Infantil, servimos o lanche e, como atividade diária cantamos a música “Meu Lanchinho”.

Em relação ao uso da música é importante salientar o que nos orienta o RCNEI explica que:

O ambiente sonoro, assim como presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês, e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas parlendas, reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. (BRASIL, 1998. p.51)

Nesse dia, o tempo foi mais curto, pois a turma teve aula de Educação Física. Mas, mesmo com pouco tempo, organizamos o espaço da sala às crianças formas geométricas confeccionadas em espuma e encapadas com material impermeável, todos experimentaram as formas, deitaram em cima, empurram arrastando pelo chão e também utilizaram o rolo para brincar de rolar, explorando assim todo o espaço físico da sala.

Notamos que o Pietro e o Isaque se mostraram mais interessado, tendo em vista que esses bebês não se sentam sem apoio ainda.

Em seguida desta atividade trouxemos para a sala de aula a bola de yoga cedida gentilmente pelo professor de Educação Física.

Foi nítida a reação de medo e insegurança por parte dos bebês no primeiro momento, nos deixando receosas quanto a atividade planejada, admitimos que devemos ter um planejamento flexível para que possamos alterá-lo em qualquer momento. Entendemos que ao se tratar de uma turma de berçário pode acontecer de a atividade não dar certo, ou seja não alcançarmos o objetivo desejado. Mas, com o passar do tempo os bebês foram adquirindo confiança na atividade e conseguiram relaxar sobre a bola, resultando num ambiente calmo e sem choros.

Nossa próxima experiência foi brincar com bolinhas de sabão.

Constatamos que bolhas de sabão encantam a criança em qualquer idade, podemos dizer que de zero a seis anos a bolha de sabão sempre será uma diversão garantida. De acordo com Maluf (2003) o professor:



Nunca deve esquecer que brincar é altamente importante na vida da criança, primeiro por ser uma atividade na qual ela se interessa naturalmente e, segundo porque desenvolve suas percepções, sua inteligência e suas tendências à experimentação. (MALUF, 2003 apud SILVA, 2013, p. 44).

Levamos além das bolinhas de sabão convencionais, um objeto diferente e curioso que possibilita fazer várias bolhas de sabão e de diferentes tamanhos simultaneamente.

O brilho no olhar da Yasmin, o susto do Davi quando a bolha estourou no seu nariz e a alegria do Luiz ao conseguir estourar a bolinha no ar foi contagiante.

Com esta simples brincadeira pode-se incentivar os bebês a estimular a extensão dos membros superiores até a altura ou além dos ombros e isso é possível quando o objetivo é estourar as tais bolinhas, como também manter o equilíbrio enquanto brinca com as bolinhas de sabão, seja em pé ou sentado. O desafio foi manter o equilíbrio enquanto tentavam estourar as bolinhas os bebês que já andam.

Essa atividade nos fez voltar aos tempos de infância, presenciamos o brilho no olhar em cada uma de nós educadoras que estávamos na sala, presenciar um momento tão rico e prazeroso para as crianças nos fez discutir o assunto num outro momento. Como foi gostoso ver o sorriso inocente de cada um deles, o encantamento com tantas bolhas de sabão ao mesmo tempo.

Abramovich (1983), no texto a seguir, de forma saudosista e poética, nos leva a mergulhar em brincadeiras e recordações por muito tempo esquecidas.

O estranho mundo que se mostra às crianças. [...] como seria bom se voltassem os carrinhos de rolimã, os diabolôs, as pernas de pau [...] os telefones de lata, a amarelinha, o caracol [...]. A barra manteiga, boca-de-forno, o chicote queimado, a cabra cega, os jogos de estátua, as guerras de pião, o pular sela, o passar anel, a queimada, corda, bola, peteca [...].

Folguedos nossos, de toda uma cultura, cobertos de encantos e de prazer [...]. E propostas simples, coletivas, de fácil confecção e que – de verdade – facilitam o reconhecimento e a conquista do espaço – de maneira ampla, global, divertida e gostosa. Sem perder de vista que vivemos numa era tecnológica, e que esse tipo de brincadeira seria mais um referencial e não o único, nostálgico (ABRAMOVICH, 1983, p. 53).



Após esse momento agradável, nos preparamos para a hora do jantar, seguindo a rotina da música e conversa com o bebê durante este momento relevante no dia a dia da criança que frequenta um Centro de Educação Infantil.

Logo após preparamos a sala para o momento de relaxamento enquanto os bebês aguardam a chegada dos pais para o retorno à suas casas após mais um dia na unidade de ensino.

No terceiro dia, seguindo as atividades do início da tarde, preparamos a sala e os bebês conforme a prática diária.

Achamos que devido à queda de temperatura neste dia compareceram somente oito bebês.

Durante a aula de Educação Física, presenciamos as atividades de estímulos que o professor executou, vimos o quão importante são os movimentos e os recursos utilizados para o desenvolvimento da lateralidade e coordenação dos bebês, o incentivo a caminhar e a sentar-se se torna relevante e pertinente nesta etapa do desenvolvimento infantil.

As Diretrizes municipais para a Educação Infantil sobre competências e habilidades indicam que aos bebês que não sentam sozinhos ainda passarão a fazê-lo. Porém, para que as competências de andar, engatinhar e sentar sejam desenvolvidas elas necessitarão de algumas habilidades: controle motor, equilíbrio, noção de espaço, superação do medo, etc. (2015, p. 46).

Em seguida ao término da aula servimos a janta seguindo toda a rotina.

Logo após a janta trouxemos para o centro da sala um baú, o “Baú era uma vez”, nesse baú continham fantoches da história “Os três porquinhos” impressa em um livro gigante, o que chamou bastante atenção dos pequenos.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).



A surpresa foi imensa, assim que colocamos o baú no centro da sala os bebês que já possuíam autonomia na locomoção foram rapidamente explorar o objeto desconhecido para eles. A empolgação da Flávia e da Ludmila em ver algo grande e colorido despertou o interesse dos demais em abrir o baú.

Após o baú aberto, ao manusearmos os fantoches na dramatização da história, principalmente o do Lobo Mau. Alguns bebês se mostraram arredios e até mesmo choraram, mas em seguida com nosso auxílio foram se familiarizando com os personagens.

Para Schiller e Rossano (2008), as artes dramáticas são essenciais para o desenvolvimento das crianças. Por meio destas situações, as crianças aprendem a se relacionar com os outros, aprendem a negociar, a fazer concessões e a esperar a sua vez. Segundo os autores, um dos efeitos mais importantes da dramatização ou do faz- de- conta é o desenvolvimento das capacidades linguísticas. A dramatização permite que a criança experimente a língua em um contexto natural e de um modo que poucos ambientes podem proporcionar.

Percebemos neste dia, com a atividade proposta de dramatização, a importância da empatia, ou seja, a nossa capacidade de sentir o que eles sentiram, como se estivéssemos incorporando a mesma situação vivenciada por eles, não só de alegrias e encantamentos, mas também a manifestação de medo por alguns.

Foi um grande exercício o fato de tentarmos compreender os sentimentos, as emoções que eles manifestavam. Procuramos experimentar de forma objetiva e racional o que eles sentiam. Como sabemos os bebês vão assimilando o mundo por meio das mediações que os adultos socialmente lhes proporcionam eles respondem por meio da imitação.

Foi um grande exercício que nos remeteu a reflexão do quanto é importante a paciência que devemos ter em nossa prática docente perante uma situação de medo como o ocorrido, nos posicionamos de forma atenciosa e contornamos a situação, tornando assim o momento prazeroso e com isso alcançamos nossos objetivos.



Depois de lermos e dramatizarmos a história, proporcionamos a exploração e manuseio do livro gigante por eles.

Auxiliamos os bebês que ainda não possuíam autonomia em sua locomoção de caminhar ou engatinhar que também participaram da experiência.

Organizamos o espaço de maneira que eles conseguissem ficar apoiados em almofadas ou mesmo sentados em nossos colos também. Desta forma, todos puderam interagir na atividade proposta. Podemos, com esta realidade, perceber a importância de um olhar cuidadoso e atencioso com toda a turma possibilitando a interação de todos sem exceção, respeitando suas necessidades de dependências.

Com a necessidade de uma aproximação afetiva, tivemos o prazer e a alegria de efetuar este contato mais íntimo com o bebê.

Após essa atividade produtiva começamos a servir o jantar conversando com os bebês sobre qual alimento está sendo servido, se está quente ou frio sempre incentivando a experimentar novos sabores e novas formas de alimentar-se com copo, colher, canudinho utilizando uma linguagem própria para a idade dos mesmos.

Em mais um encontro com a presença de apenas dez bebês, seguimos percebendo a importância da interação e da necessidade de estarmos presentes a todo o momento com um olhar crítico e observador para que assim possamos planejar uma prática eficaz e produtiva.

Posicionamos os bebês em roda e cantamos músicas variadas minuciosamente escolhidas para a faixa etária, proporcionando um momento de descontração e alegria entre os bebês, alguns se expressaram com danças, outro batendo palmas sinalizando grande interesse pela musicalização.

Em seguida, apresentamos a eles o instrumento musical violão, dedilhamos suavemente e deixamos que os bebês se apropriassem do acontecido. Assim que perceberam que o objeto além de estranho produzia som, foram se aproximando e com muita curiosidade puderam explorar e manusear o instrumento.



Ofertamos aos bebês inúmeros instrumentos musicais como, pandeiro, chocalho, tambores, guiso, sinos, tamborim e maracas, todos em tamanhos próprios para faixa etária e totalmente higienizados, para que eles pudessem manusear livremente.

De acordo com Jacob (2002, p.20), “os bebês constroem o conhecimento agindo sobre objeto que estão tentando conhecer. Conhecer um chocalho é conhecer seu peso, manuseá-lo, que barulho faz, que gosto tem, que cheiro tem.”

Oliveira (2006) afirma que a familiaridade com brinquedos e objetos de uso geral, cria condições para que o bebê aprenda a lidar com novo e o inesperado. Ele aprende ao manusear os objetos a ir reconhecendo e criando pequenas sequências, a crescente diversidade de sua ação motora a causa-lhe grande prazer e lhe enche de autoconfiança.

Percebemos que eles prestaram bastante atenção ao ouvir os sons dos objetos tocados um a um e depois no conjunto, estimulando assim a percepção não somente auditiva, mas como também a tátil. Lembrando que a coordenação motora também foi trabalhada.

Constatamos que a música sempre traz alegria em qualquer situação e ambiente escolar.

Foi outro momento mágico, encantador, rico em vivenciar a música, o fazer musical, a produção de sons, a diversidade de instrumentos, e principalmente a interação entre criança- objetos e crianças e seus pares, pois segundo que destaca no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, página 58:

No primeiro ano de vida, a prática musical poderá ocorrer por meio de atividades lúdicas. O professor estará contribuindo para o desenvolvimento da percepção e atenção dos bebês quando canta para eles, produz sons vocais diversos por meio da imitação de vozes de animais, ruídos, ou sons corporais como palmas, batidas de pernas, pés, etc. Embala-os ou dança com eles. As canções de ninar tradicionais, os brinquedos cantados e rítmicos, as rodas e cirandas, os jogos com movimentos, as brincadeiras com palmas e gestos sonoros corporais, assim como as outras produções do acervo cultural infantil, podem estar presentes e devem se constituir em conteúdos de trabalho. Isto pode favorecer a interação e resposta dos bebês, seja por meio da imitação e criação vocal, do gesto corporal, ou da exploração sensorio motora de materiais sonoros, como



objetos do cotidiano, brinquedos sonoros, instrumentos musicais de percussão como chocalhos, guizos, blocos, sinos, tambores, etc. (BRASIL, p.58, 1998).

Nosso esforço em estudar, pesquisar e adquirir os instrumentos corretos para as crianças pequenas nos fez perceber que o empenho e a dedicação do profissional na área de educação perpassa o espaço de sua ação pedagógica e sua carga horária. Para executarmos nosso planejamento, algumas vezes precisamos ir além do espaço escolar para buscar recursos que serão utilizados em atividades e mesmo assim o afeto pela futura profissão permanece e cada dia mais confiante em uma educação melhor.

A tarde seguiu muito agradável, alguns bebês ficaram cansados com a atividade anterior e apresentaram-se sonolentos, exigindo assim um pouco mais de atenção. Assim, aproveitamos e preparamos o ambiente para eles para lhes dar mais conforto. Escurecemos um pouco a sala e utilizamos um aparelho eletrônico que gera no ambiente diferente formas e desenhos com jogos de luzes, primeiramente posicionamos o aparelho para o teto, em seguida na parede e por fim no chão, os bebês ficaram atentos as luzes coloridas e com os movimentos rápidos das mesmas. O encantamento foi visível no momento em que perceberam que podiam tocar as imagens. Com os olhares atentos para todos os lados da sala, seguindo os movimentos e o efeito da luz e por vezes esperando onde iriam aparecer as luzes novamente.

Foi encantador, pois planejamos este momento com o objetivo de proporcionar as crianças um ambiente surpreendedor, estimulando os movimentos visuais e suas habilidades motoras. Para esse dia também organizamos uma atividade com lanterna comum. Para nossa surpresa, foi pouca a participação dos bebês nesse momento. Apenas um bebê ficou atento ao movimento com deste tipo de luz menos vibrante, haja vista a quantidade de luzes apresentadas anteriormente.

Para Bonfanti, considerando-se que as instituições de Educação Infantil são contextos de vivências, aprendizagem e de desenvolvimento, o planejamento do tempo e do espaço precisa prever diversos aspectos:



Os tempos de realização das atividades (ocasião, frequência, duração), os espaços em que essas atividades transcorrem (o que inclui a estruturação dos espaços internos, externos, de modo a favorecer as interações infantis na exploração que fazem do mundo), os materiais disponíveis, em especial, as maneiras do professor exercer seu papel (organizando o ambiente, ouvindo as crianças, respondendo-lhes de determinada maneira, oferecendo-lhes materiais, sugestões, apoio emocional ou promovendo condições para a ocorrência de valiosas interações e brincadeiras criadas pelas crianças etc.). (OLIVEIRA, 2010, p. 5).

Sabemos que para os bebês as atividades podem ser divertidas e atraentes, mas logo perdem o interesse, se distraem e mudam o foco das atenções, sendo assim como professoras devemos ter preparo e sempre um segundo plano, se caso isso ocorra no desenvolvimento de uma atividade planejada para uma duração maior.

É importante, ao pensar no planejamento da ação pedagógica, compreender a relação entre as categorias: infância, interações, cuidar/educar e a organização do tempo e do espaço no contexto educativo infantil. (BONFANTI, 2011 p. 54).

Nesse dia estávamos preparadas assim como nos outros dias, para se caso uma atividade não transcorresse como planejada ou não durasse o tempo previsto, oferecemos a eles a caixa surpresa, iniciamos colocando a caixa no centro da sala sem que eles percebessem, a caixa é bem colorida e com um buraco no centro dela para que as crianças coloquem a mão dentro e pegue o objeto surpresa. Os bebês com autonomia locomotora foram logo olhar, tocar, sentir e claro tentar morder tendo em vista a fase oral em que se encontram. Logo perceberam o buraco e naturalmente colocaram a mão reagindo de formas variadas os bebês puderam pegar no objeto e explorá-lo. Com esta atividade estimulamos alguns sentidos, como o tato, a visão e a audição sendo que alguns objetos faziam barulho.

Seguimos a rotina diária com a hora da janta preparamos a sala, organizando os bebês conforto com as crianças lado a lado e começamos a servir a janta conversando com os bebês sobre qual alimento está sendo servido, se está quente ou frio sempre incentivando a experimentar novos sabores e novas formas de alimentar-se com copo, colher, canudinho utilizando uma linguagem própria para a idade dos mesmos.



Após o jantar percebemos a necessidade da troca de fraldas e alguns bebês.

Para Bonfanti a troca de fralda deve ser um momento íntimo entre adulto e criança. É aconselhável que o professor observe e corresponda aos sorrisos, conversas, gestos e movimentos da criança enquanto executa os procedimentos de troca. É um tempo em que a criança está construindo a sua autoestima, desenvolvendo uma boa relação com o seu corpo e, conseqüentemente, consigo mesma. (2011, p.79).

Logo após preparamos a sala para o momento de relaxamento enquanto os bebês aguardam a chegada dos pais para o retorno à suas casas após mais um dia na unidade de ensino.

De acordo com as Diretrizes Municipais para a educação infantil em Itajaí, ao final dos períodos e/ou do dia, o CEI deve ter uma sensibilidade ainda maior com as crianças, pois elas permanecem por um longo período na instituição e por vezes estarão cansados, com sono, irritadiços, sendo assim, estes finais de períodos precisam ser planejados com atividades adequadas a este tempo e que proporcionem às crianças o desejo do retorno. (2015, p. 17).

Chegou o ultimo dia de intervenção, com a presença de sete bebês, o grupo urso nos recepcionou com simpatia e alegria e esse progresso nos deixou felizes e gratas. A acolhida por parte das educadoras e dos bebês nos fez sentirnos confiantes e seguras de que estamos fazendo um bom trabalho e com a sensação de dever cumprido, ou seja, nos sentimos completas como acadêmicas e futuras professoras.

Após a acolhida de dois bebês que frequentam a unidade somente no período vespertino iniciamos o momento do lanche. Todos foram bem servidos, apreciaram o alimento servido e interagiram com as músicas que cantamos enquanto servíamos.

Entendemos que na primeira infância a interação é considerada fundamental no processo da construção de aprendizagens significativas.

Novamente de acordo com as Diretrizes Municipais para a Educação Infantil, as possibilidades de experiências são as vivências proporcionadas às



crianças no espaço educativo. Vivências estas que tem como eixo central a participação efetiva e concreta das crianças.

As possibilidades de experiências são também a demarcação da docência do professor, ou seja, na organização das possibilidades, ele reflete a respeito das estratégias de ensino e aprendizagem, desta forma vislumbra a apropriação das habilidades pelas crianças.

Para as crianças, as possibilidades de experiências devem ser marcadas pela ludicidade, experimentação concreta, imaginação, divertimento e aprendizagens que façam sentido a ela. (2015, p. 47).

Partindo desse pressuposto planejamos uma atividade voltada ao sentido do tato, produzimos o tapete das sensações, como base utilizamos um pedaço de couro visando a durabilidade do mesmo, pois este material cederemos ao grupo Urso, sobrepostos aos quadrados de e.v.a. colamos caixa de ovos, grãos de milho, algodão, balões, lixa, tecido de veludo, botões, folhas secas, tampa abre e fecha dentre outras, possibilitando assim às crianças experimentar e sentir as diversas texturas e desconhecidas.

Posicionamos o tapete no centro da sala e permitimos aos bebês sentirem os objetos, manipular e explorar cada um dos quadros do tapete.

Percebemos que o material que selecionamos enriqueceu a brincadeira, o cuidado ao definir quais seriam utilizados num estudo minucioso e cuidadoso prevaleceu tendo em vista a fase oral em que tudo eles levam a boca e lembrando que todo material foi higienizado antes e depois da brincadeira.

Majem e Òdena (2010) nos alertam que quando pensamos em crianças muito pequenas, é preciso entender que variar os objetos que se oferece aos bebês possibilita que ele desenvolva sua autonomia e por isso brinque com mais tranquilidade. Outro fator importante pontuado pelas autoras é que a criança pode se manter por um longo período ocupada quando os materiais são envolventes e interessantes.

Com o intuito de despertar ainda mais a curiosidade, nós acadêmicas também confeccionamos o “quadro dos zíperes”, para que os bebês com movimento de pinça pudessem abrir e fechar os mesmo, pudessem também sentir os dentinhos do zíper e se encantar com o colorido.



Em seguida desta atividade, oferecemos então as conhecidas garrafas sensoriais, possibilitando assim a concentração, a percepção visual e tátil e habilidades motoras como o equilíbrio. Disponibilizamos de três garrafas confeccionadas por nós com água, glíter, cola e elásticos coloridos.

Constatamos que o pequeno número de garrafas causou disputa e choros. Foi um momento que tivemos que nos superar, pois o que nos restou foi garantir que o espaço pedagógico voltasse à calma. Para os bebês que brincavam com as garrafas; viravam e mexiam atentamente tudo certo, mas para os demais tivemos que oferecer outros brinquedos, objetos. Pois já sabíamos que, se o ambiente estivesse bem preparado para atendê-los seria um convite para que explorassem os brinquedos, objetos e outros bebês.

Quando vemos em nossas pesquisas quanto ao planejamento, sugestões de materiais com produção própria sempre ficamos ansiosas para ver o resultado final e com a curiosidade de como será o desempenho da atividade. Sabemos que os bebês repetem inúmeras vezes, em diferentes momentos, os movimentos que estão despertando curiosidade, e que é preciso organizar as atividades pedagógicas com brinquedos que despertem a curiosidade e o prazer de interagir do bebê.

Desta forma, vimos que dúvidas e anseios sempre surgirão em nosso caminho, em busca do novo e da concretização do planejado, mas com foco nos objetivos e responsabilidades constituiremos nossa identidade profissional.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI-1998) o trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente, que significa que o professor trabalhe com conteúdos de natureza diversos que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento.

Na hora do jantar seguimos a rotina da sala, organizando os bebês conforto lado a lado para otimizar nosso tempo.

A alimentação é algo que faz parte do processo educativo e é um momento importante do desenvolvimento infantil. Nesse processo, é interessante que a construção de hábitos alimentares saudáveis seja



trabalhada de forma lúdica e prazerosa. Ajudando a criança a comer, respeitando as preferências e necessidades, dando a autonomia possível para sua idade, a interação criança/adulto será mais agradável. (BONFANTI, 2011, p. 79).

Gostaríamos de ressaltar que em todos os dias do nosso estágio de intervenção participamos ativamente das rotinas, sendo elas alimentação, banho, trocas de fraldas e roupas.

Não conseguimos mencionar o trabalho com os pequenos sem falar na rotina. Para Evans e Ilfieldin Post e Hohmann (2003, p. 193)

Uma rotina é mais do que saber a hora em que o bebê come, dorme, toma banho e se vai deitar. É também saber como as coisas são feitas... as experiências do dia-a-dia das crianças são as matérias-primas do seu crescimento.

E por fim arrumamos todos os bebês com troca de roupas e penteados para o momento de relaxamento e repouso fazendo a despedida com uma música instrumental calma, até a chegada de seus pais.

E assim finalizamos nosso estágio de intervenção com a certeza de que queremos ser esse professor polivalente e com a esperança de ter deixado aos bebês experiências significativas para o futuro.

### 2.2 Intervenção: Ação pedagógica

Observamos a suma importância dos materiais de apoio para os bebês, em nossa observação muitos ficavam apreensivos, por medo de se desequilibrarem e caírem, sendo ideal o material de apoio, os estimulando progressivamente o próprio corpo.

Também as almofadas de diversas cores para a “bebeteca”, que é muito utilizada nos momentos de contação de histórias.

Restauramos e confeccionamos rolos, calças de apoio, com materiais de espuma e encapados com tecidos impermeáveis, bem coloridos, onde podem ser higienizados todos os dias.



As almofadas foram todas restauradas, encapadas de forma que eles não consigam abrir, e com cores bem alegres e vivas.

No início da tarde, chegamos para entregá-los, tinham nove bebês, eles ficaram ansiosos para saber o que tinha nas bolsas, logo dispomos ao chão e eles aproveitaram o momento, principalmente os bebês que não engatinham, nem sentam, curtiram muito, e com certeza irão desfrutar dos materiais.

Nosso plano de ação pedagógica com os objetivos de ampliar a autonomia, desenvolver contato com os outros amigos, explorar atitudes de confiança nas próprias capacidades motoras e demonstrar novas experiências corporais.

A professora e a Agente ficaram muito agradecidas pela ação promovida, e nós, realizadas por termos contribuídos para o desenvolvimento dos bebês.

Ambientes variados podem favorecer diferentes tipos de interações e que o professor tem o papel importante como organizador dos espaços onde ocorre o processo educacional. Tal trabalho baseia-se na escuta, diálogo e observação das necessidades e interesses expressos pelas crianças, transformando-as em objetos pedagógicos. (BRASIL, 2006, p. 10).

#### **4. Considerações finais**

As experiências vividas no Estágio Supervisionado nos propiciaram um estreitamento de laços entre a teoria e a prática. As observações, o planejamento das atividades, o projeto de intervenção, o bate papo com os professores, as crianças, funcionários do CEI e todo seu contexto fizeram com que a disciplina oferecesse uma visão mais ampla e concreta acerca da profissão de docente. Esta etapa nos permitiu compreender o papel da educação na primeira infância, nos levou a repensar o espaço escolar e entender que não basta cuidar, seguir a rotina e deixar brincar, é preciso ter planejamento, pensar no tempo, no espaço, nas oportunidades, especificidades e objetivos.

Neste sentido, o estágio nos fez entender que a prática pedagógica requer compromisso com o desenvolvimento das crianças. Durante este



período tivemos oportunidade de conhecer a realidade do dia a dia escolar, possibilitando uma experiência significativa como futuras pedagogas. O estágio, não somente colaborou para que conhecêssemos um pouco sobre como é ser docente na educação infantil, mas também nos ajudou a desmistificar, entender, analisar, compreender e elucidar vários estereótipos acerca da profissão.

Entendemos, por meio da prática, que nem tudo que planejamos conseguiremos executar e por isso devemos sempre estar preparadas para os imprevistos. Porém estes momentos inesperados não podem atrapalhar nossa função de educar e cuidar. Assim, descobrimos que a criatividade e a capacidade de lidar com desafios também fazem parte da profissão de professor.

Nesta perspectiva, acreditamos que o estágio foi um desafio de extrema importância para nosso crescimento acadêmico e profissional, pois todo processo envolvido ao longo do semestre fomentou em aprendizagens diversas. Cremos que a formação de duplas para realizar o estágio ajudou no processo, pois todas as atividades foram “frutos” de muito trabalho coletivo, que gradativamente, a cada ajuste e ideia proposta ganhou força para que pudéssemos propor momentos educativos e divertidos para as crianças.

Diante de nosso aprendizado acadêmico e prático, entendemos que o processo da educação, na perspectiva sócio interacionista, deve organizar e proporcionar intencionalmente condições adequadas para a maior apropriação de qualidades humanas pelas crianças desde que nascem acreditando que a mesma é capaz de estabelecer relações com o mundo que os cercam e no qual se encontram.

Sendo assim, hoje, após muito “suor” para concluir esta etapa, cremos que estamos no caminho certo. Muitos foram os desafios, pois como não atuamos na área, a ansiedade e o medo nos primeiros dias nos deixaram apreensivos. Todavia, todos desafios foram superados e entre as diversas experiências que tivemos no estágio, uma delas nos fez compreender a lógica de uma velha, porém sempre atual citação de Rubens Alves, onde ele destaca que “toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva.



[...] não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". (ALVES, 2002). E assim fomos atrás de nosso principal objetivo que era aprender a ser professor, buscando aplicar na prática o que estudamos na universidade, sempre dando o nosso melhor.

Hoje, após esta experiência, podemos dizer que estamos realizadas, pois o estágio nos mostrou que é possível superarmos a fragmentação entre a teoria e a prática. E principalmente, nos propiciou momentos prazerosos que recordaremos sempre com muita alegria.

### REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Carla; SOUZA, Cintia M.; BONFANTI, Claudete; **Prática Docente: Projetos Integrados**. Biguaçu: UNIVALI, 2013.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- BONFANTI, Claudete; FREITAS Adriana; **Estudos Temáticos: Educação Infantil**. Biguaçu: UNIVALI, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007 (Coleção Leitura).
- SILVA, Sandra C. V; **Jogos e Brincadeiras na Infância**. Biguaçu: UNIVALI, 2013.
- BONFANTI, Claudete; FREITAS Adriana; **Estudos Temáticos: Educação Infantil**. Biguaçu: UNIVALI, 2011.
- HORN, M. da G. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.



GARANHANI, M. C. **Concepções e práticas pedagógicas de educadoras da pequena infância**: os saberes sobre o movimento corporal da criança. São Paulo: 2004. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

JACOB, S. H. **Estimulando a mente do seu bebê**. São Paulo: Ed. Madras, 2002.

GOZZI, R. M. Ambiente de leitura na Educação Infantil. Irr. MELLO, A. M. **O dia a dia das creches e pré-escolas**: crônicas brasileiras. Porto Alegre: Artmed, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

MAJEM, Tere; ÓDNA, Pepa. **Descobrir brincando**. Campinas: Autores Associados, 2010.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar**: prazer e aprendizado. Petrópolis: Vozes, 2003.

ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP Gisela. **Educação infantil creches**: atividades para crianças de zero a seis anos. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 1999.

ITAJAÍ. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Infantil. **Diretrizes Municipais para Educação Infantil**. Itajaí. 2015.